
Pensando a Fenomenologia de Alfred Schutz para a comunicação¹

Lucas Guilherme da SILVA²

Lívia Moreira BARROSO³

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Rondon do Pará, PA

Resumo

Este artigo pretende discutir a Fenomenologia do pensador austríaco Alfred Schutz relacionando-a com o campo da comunicação. Na construção do trabalho é fundamental a compreensão de conceitos que permeiam o pensamento fenomenológico, tais como: sociabilidade, mundo da vida, vida cotidiana, tipificação e relevância. A partir da tentativa de apreensão de tais conceitos, o trabalho objetiva perceber como eles se apresentam no contexto comunicacional, tendo como principal referência o autor português estudioso da obra de Schutz, João Carlos Correia.

Palavras-chave: Fenomenologia. Alfred Schutz. Comunicação.

Introdução

O sociólogo Alfred Schutz nasceu em Viena na Áustria, em 1899. E faleceu em Nova York em 1959, aos 60 anos de idade. Como já mencionado o estudioso vem de uma formação em Ciências Sociais, mas também estudou Direito, Filosofia e Economia ambos os cursos feitos em sua cidade natal. Depois da sua formação, ele ingressou no mundo dos negócios vindo a ser Secretário Executivo da Associação dos Banqueiros Austríacos. Schutz também era um frequentador do Círculo de Ludwig von Mises, que era um espaço dedicado aos intelectuais de Viena para discussões interdisciplinares. E é nesses encontros de intelectuais que ele teve contato com as obras de Edmund Husserl e Henri Bergson, que foram fundamentais para a construção de seus pensamentos e estudos.

Durante meados dos anos de 1930, com as constantes ameaças de invasão ao território austríaco pelo governo alemão de Hitler, Schutz mudou-se para Paris e no ano seguinte foi viver exilado em Nova York local de sua morte.

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces da Comunicação, XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: lucassilva39456@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: livia.barroso@unifesspa.edu.br

Com o exílio nos Estados Unidos, atuou na University in Exile (*Graduate Faculty of the New School for Social Research*), foi um dos fundadores da *International Phenomenological Society* e também criador da revista *Philosophy and Phenomenological Research*, onde publicou diversos textos, que posteriormente foram editados com o título de *Collected papers*. Mas, mesmo tendo dedicado muito da sua vida aos estudos, somente em 1957 dois anos antes de seu falecimento, é que Schutz deixou seu trabalho no banco e dedicou-se exclusivamente ao mundo acadêmico. Assim, a carreira dele segundo Husserl, resume-se em ser “banqueiro de dia e fenomenólogo de noite” (CORREIA, 2005, p. 31).

Observando a trajetória de vida de Alfred Schutz podemos dizer que sua história se mistura com a construção de seu pensamento teórico, onde fica evidente em seus textos, que o conhecimento adquirido pelos sujeitos é determinante para as relações estabelecidas no mundo da vida. Nesse sentido, observando a biografia de Schutz, Correia⁴ (2005, p. 31), percebe a importância do mundo do trabalho na vida do sociólogo:

[...] Este contato com o mundo do trabalho exterior à academia e com as preocupações cotidianas aguçou o seu engenho descritivo e a sua excelente relação com o mundo prático da cotidianidade, tornando ao mesmo tempo seus ensaios extremamente acessíveis e criativos para além de extremamente rigorosos na fundamentação teórica.

Correia (2005) também destaca que a própria forma de escrever de Schutz o caracteriza como um intelectual diferente, uma vez que, seus textos são sempre curtos, com características ensaística e independente, sendo assim, uma obra bem fragmentada.

Após este breve percurso pela vida de Alfred Schutz, o objetivo deste artigo é revisar alguns conceitos base do sociólogo, tais como: fenomenologia social, sociabilidade, mundo da vida, tipificação e relevância, tentando perceber a aplicação dos mesmos aos estudos em comunicação.

⁴ É importante destacar que José Carlos Correia é um dos poucos ou talvez o único estudioso de língua portuguesa que dedicou um trabalho específico ao estudo da obra de Alfred Schutz.

Fenomenologia Social, Sociabilidade, Mundo da Vida e Vida Cotidiana

A Fenomenologia Social elaborada por Schutz propõe pensar a relação dos sujeitos com os fenômenos sociais. Para tanto, o sociólogo incorpora o mundo da vida cotidiana em seus estudos. Focando como um dos seus principais objetos a *sociabilidade*, que pode ser definida como, “o conjunto de relações interpessoais e atitudes pessoais que, ainda que dependam de padrões adquiridos, são pragmaticamente reproduzidas ou modificadas na vida quotidiana” (CORREIA, 2005, p. 12).

Mas, em se tratando da aplicação do pensamento schutziano à comunicação, García (2010), aponta que é na intersubjetividade que se observam as contribuições do autor, uma vez que, esta seria um elemento determinante na construção social, onde nós enquanto sujeitos atuamos no mundo pondo em prática as relações sociais com os demais. “[...] a Teoria da Comunicação de Alfred Schutz inclui uma concepção da natureza humana e da sua relação com o mundo da vida que privilegia a intersubjetividade” (CORREIA, 2005, p. 16).

Além da intersubjetividade, que de acordo Schutz (2012) é um processo anterior à comunicação, mas que dá suporte para a realização concreta da sociabilidade, algo desempenhado pela comunicação. Nesse sentido, os meios de comunicação são fundamentais na mediação das subjetividades.

É por meio do processo comunicativo, que os indivíduos sociais entram em contato com os pensamentos dos outros, mas de forma simples e por meio de trocas de experiências, ou seja, na sociabilidade. Sendo assim, “a comunicação implica a constituição de universos de significado comuns onde é possível compreender e sermos compreendidos graças a um processo de geração recíproca de expectativas no decurso da qual construímos uma ideia partilhada de realidade” (CORREIA, 2005, p. 16).

Para tanto, a experiência tem seu lugar de destaque na formação da consciência, que no pensamento de schutziano este lugar está no *mundo da vida*, termo proposto por Husserl, um dos influenciadores de Schutz.

O conceito de mundo da vida vem da sociologia desenvolvida na década de 20 do século passado, mais especificamente de estudos realizados por pesquisadores europeus (Husserl, Schutz, Maffesoli), tanto do campo da sociologia como da comunicação. Nesse sentido, o mundo da vida está nas experiências da vida cotidiana, no modo como nos colocamos e agimos no mundo. E também em tudo aqui que nos é dado.

O mundo da vida, ou também, mundo intermediário, que faz referência às realidades intermediárias para a compreensão do mundo, é o mundo da intersubjetividade, ou seja, um universo simbólico dentro de várias culturas, que propõe o entendimento de como as coisas se conecta dentro de uma visão do caos.

É também no mundo da vida, que há uma solidez das coisas racionais, onde está no seu contexto a capacidade de delimitar tanto a modalidade histórica, quanto a social. Portanto, o mundo da vida tem uma função epistemológica, onde aponta quais os caminhos para o entendimento dos acontecimentos sociais.

Na base epistemológica do mundo da vida, tem como referência uma base muito mais antropológica, do que sociológica, pois o mundo da vida está diretamente associado ao imaginário, mais especificamente, ao conhecimento simbólico, presente nas heranças culturais e no saber popular, por exemplo.

Compreendendo o mundo da vida, em sua contrapartida existe o mundo cotidiano. O mundo cotidiano nasce a partir do mundo da vida, mas apresenta uma reação ao mesmo, reagindo a várias questões, onde analisando a partir do pensamento grego clássico, essa reação é chamada de tragédia ou sentimento trágico.

No mundo cotidiano está bastante presente a cultura do micro, onde predominam os saberes populares e as relações intraculturais, sendo este, o mundo das culturas particulares. É no mundo cotidiano, que a vida cotidiana parte para uma ética cultural, ou seja, há uma predominância da valorização das culturas, onde estudar o cotidiano é estudar os processos culturais.

Para Maffesoli (1995), o cotidiano apresenta características diferentes entre as culturas, ou seja, não é o mesmo em todos os lugares e em todos os grupos sociais. Ele é vivenciado de forma diferente por cada povo, sociedade, cada grupo vive à sua maneira. Então, é no cotidiano que acontece a interação social.

No tocante à vida cotidiana, Maffesoli afirma que só tem sentido se vivenciada em coletividade, na ligação com o outro, no agrupamento social, no “estar-junto”. E o que norteia este relacionamento é a comunicação.

O teórico percebe a comunicação como uma forma sensível da vida social na contemporaneidade. Mas, é fundamental lembrar que quando Maffesoli fala em comunicação, o mesmo não está referindo-se aos veículos de comunicação de massa, mas sim, a comunicação como um suporte para as relações sociais, como por exemplo, a linguagem, temática também abordada anteriormente por Schutz.

Com os estudos desenvolvidos no século XX sobre o mundo da vida e o cotidiano, entende-se que a comunicação é essencial para a vida cotidiana. Mas, como entender o mundo da vida e o cotidiano no discurso jornalístico?

Sabendo que no jornalismo o que predomina é o campo técnico onde se põe em prática todas as técnicas de reportagem, edição e produção da notícia, além do interesse mercadológico em vender um determinado produto. Porém, também é importante destacar a existência no jornalismo do campo metafísico, que é através deste que se alimenta o imaginário. Mas, para a mídia, o cotidiano é o campo das incertezas, observando a vida cotidiana como algo precário, banal.

Todo discurso jornalístico é uma representação do real, ou seja, o discurso midiático não está na percepção, mas sim na representação. Assim, o cotidiano jornalístico se apresenta através da representação, sendo que, o cotidiano científico está na percepção.

Sendo assim, é de fundamental importância, que mesmo que tenha como base as produções jornalísticas, como por exemplo, matérias divulgadas em jornais impressos, rádio, televisão e internet, que para se analisar o cotidiano é necessário o uso da percepção, tendo a ideia, que o cotidiano sempre se renova, ou seja, o cotidiano não é um conceito já pré-estabelecido.

Para Maffesoli, o cotidiano é um estilo (representa a sensibilidade coletiva, a partir do vivido) – *habitus*- como alguém se coloca no mundo, colocar para o coletivo suas formas interiores. Portanto, o cotidiano é a tentativa de adaptar o nosso imaginário ao do outro, ou seja, o esforço do cotidiano é se fazer entender.

A vida cotidiana ao contrário do mundo da vida tem uma autonomia em relação à razão, sendo a mesma mais diretamente relacionada ao imaginário. Sendo assim, às formas que estruturam o mundo da vida é fluída, ou seja, as coisas escapam. Já a vida cotidiana não se justifica apenas na razão, mas também na sensibilidade.

Outra possibilidade de se pensar o cotidiano, é a partir de uma teoria fenomenológica. A Fenomenologia – enquanto corrente de pensamento filosófico, também surge no século XX, e nos faz compreender os sentidos dos acontecimentos, fazendo com que os fenômenos se mostrem sem estarem envolvidos pela razão.

De acordo com a teoria fenomenológica, pode-se entender a comunicação a partir da experiência com o outro, uma vez que, no cotidiano a compreensão dos fenômenos passa mais pela comunicação da fala, do que pela a formulação de conceitos. No

cotidiano, a palavra funciona como um veículo de comunicação, onde é através da linguagem, que há a criação de tipos sociais, sendo a mesma traduzida pela comunicação na vida cotidiana.

É importante compreender, que para a Fenomenologia, a linguagem diferentemente da língua, não funciona como um contrato social, ou seja, não há a necessidade de regras ou amarras culturais para que haja um entendimento.

Na Fenomenologia, a linguagem está dentro dos fatos sociais, e não se constrói no eu, no individual, mas sim, no coletivo. Neste contexto, a linguagem funciona como um sistema, que não está voltada só para o eu, se cria num ambiente aberto e livre, e o diálogo está com a finalidade de recuperar o discurso.

No tocante a linguagem no cotidiano, deve-se pensar que o conhecimento é produto da interação social entre os indivíduos, sem as armadilhas das regras e imposições. Sendo assim, a comunicação na vida cotidiana não pode ser pensada a partir de uma lógica pré-estabelecida. Não existe uma realidade acabada, sendo que, o mundo da vida cotidiana é permeado por “naturalidades”, fenômenos sociais que ocorrem de maneira voluntária, de forma espontânea.

Partindo para o discurso jornalístico, é possível a aplicação da Fenomenologia na análise da mídia, para que se possa verificar a forma e o conteúdo presentes nas produções midiáticas.

No contexto midiático é mais perceptível a presença das características do mundo da vida, uma vez que, por ter uma base mais antropológica, tem uma ligação mais familiar com o imaginário social, o que é visível na mídia. Sendo que, no discurso jornalístico há a representação dos acontecimentos, existindo ao mesmo tempo uma aproximação e um distanciamento da realidade de quem recebe tais informações. É no discurso jornalístico, assim como no mundo da vida, que se constrói um campo histórico e social, fincados no mundo da razão.

Como já mencionado anteriormente, a mídia entende o cotidiano como um ambiente incerto, e a vida cotidiana como algo precário, incapaz de revelar para os produtores midiáticos fontes capazes de serem verdadeiras representações da realidade, ou da verdade. Pois, o cotidiano não é um campo sólido, mas sim de renovação. A mídia é sempre um dispositivo técnico, que não existe a preocupação com as formas sensíveis do cotidiano.

Sendo assim, de acordo com Schutz, o mundo da vida é a junção das experiências vividas em todos os tempos, desde o presente até o futuro. Nesse contexto, o corpo do indivíduo tem um papel determinante, sendo este, o *marco zero* que coordena e orienta os sujeitos no mundo e que determinam os conhecimentos que estão ao alcance, às expectativas de novas experiências.

Assim, é no mundo da vida que as experiências são organizadas, sendo que ao mesmo tempo, a realidade cotidiana é permeada por outras realidades, imersa em províncias de significado, tudo isso reafirmado pela troca de experiências e da transcendência do que entendemos por realidade, onde estão os espaços potencias, que são possíveis de serem alcançados por meio do vivido.

Sendo assim, é curioso observa que as províncias de significado não estão estanques. Assim como, nós enquanto sujeitos sociais compartilhamos o que nos é semelhante, os elementos diferentes, “estrangeiros”, estão nessas províncias como um questionamento eminente de forma que “[...] cada província de significado outra coisa não é senão um domínio de crenças válidas enquanto os sujeitos as partilharem” (CORREIA, 2005, p. 48).

Para a Teoria da Comunicação de Schutz, é também na sociabilidade e na comunicação que as transformações da vida cotidiana acontecem, o que pode ser percebido com algo rotineiro. Sendo que, para o sociólogo a interação é intersubjetiva, ou seja, a comunicação funciona como um pré-requisito para as experiências humanas no mundo da vida, o que faz que o nosso próprio entendimento enquanto sujeito seja dependente da relação com os outros indivíduos.

Ao perceber a interação subjetiva, Schutz se aproxima mais ainda do campo da comunicação, através de conceitos propostos por ele tais como os de *relevância* e *tipificação*, que entendemos que são bem pertinentes para a compreensão de questionamentos posto no discurso midiático.

Percebendo Tipificação e Relevância na comunicação

Talvez os conceitos de *tipificação* e *relevância* sejam dois possíveis de relacionar o pensamento de Schutz com a comunicação. Mas, para que possamos identifica-los no campo comunicacional é preciso fazer uma tentativa de conceituação de ambos. A

tipificação pode ser pensada enquanto acúmulo de conhecimento, que diz respeito à categorização cognitiva do mundo da vida.

Na tipificação, os objetos do mundo social estão constituídos dentro de um marco de familiaridade e de reconhecimento proporcionados por um repertório de conhecimentos disponíveis cuja origem é sobretudo social. É o que habitualmente Schutz designou de acervo de conhecimentos disponíveis. (CORREIA, 2005, p. 92)

Nesse sentido, a tipificação está relacionada com o nosso repertório de conhecimento que vivenciamos no mundo social, o que Schutz (2010), chama de “acervo do conhecimento disponível”. Sendo assim, para o autor, a apreensão do mundo é fundada em “tipos”, o que nos aproxima do mundo não causando tanto estranhamento.

É importante pensar que as tipificações estão relacionadas com a sua relevância, ou seja, como os sujeitos dão atenção a determinados assuntos, uma hierarquia em que demonstra o interesse do ator, sendo que as escolhas estão relacionadas com as tradições, os costumes do sujeito. “A relevância diz respeito à atenção seletiva pela qual estabelecemos os problemas a serem solucionados pelo nosso pensamento e os objetivos a serem atingidos pelas nossas ações” (SCHUTZ apud CORREIA, 2005, p. 100).

Pensando o mundo da vida, como um mundo de experiências intersubjetivas partilhadas, em que a linguagem atua no sistema de tipificações, pode-se entender que o sistema de relevância tem efeitos significativos para a teoria da comunicação. Como sabemos a comunicação entre os sujeitos acontece no mundo da vida cotidiana, mas para Schutz a comunicação nunca será plena, mesmo que tenhamos acesso à memória das experiências dos sujeitos, tem sempre algo da vida privada no outro que é inacessível e que “transcende as minhas experiências possíveis”.

Segundo Correia (2005, p. 101), os processos de intersubjetivos, entre eles o da comunicação, têm funções determinadas. Primeiro de promover a coesão social, quando qualifica o sentido do mundo da vida cotidiana, e também por permitir a transcendência da experiência, mesmo que nesse último de forma incompleta e insuficiente. É importante lembrar que para Schutz, a intersubjetividade vem antes da comunicação, de forma que toda ação dotada de significados pode ser considerada comunicativa, sendo a comunicação marcada pela intencionalidade. Nesse sentido, a ação comunicativa espera ir além da compreensão, mas também objetiva causar algum efeito em quem a recebe.

É notório que os sistemas de relevância e tipificação são importantes para o pensamento de Schutz. Nesse sentido, é por meio das relações intersubjetivas que se dá a interação entre os sujeitos, sendo que a comunicação entra como um elemento essencial para a sociabilidade. Sendo assim, os meios de comunicação determinantes para a ligação dos sujeitos com suas experiências, constituindo aí o lugar de manifestação e criação das tipificações e relevâncias.

Nesse sentido a mídia é um espaço imerso no significado de relevância, já que a todo o momento os meios de comunicação definem os temas mais relevantes para a agenda pública. Então entendemos que é pertinente perguntar, o que transforma certos fatos do cotidiano em notícia e outros não? Como surge o sistema de relevância na mídia?

João Carlos Correia (2005, p. 128), insere este conceito de relevância para o que a teoria do jornalismo intitula de *valor-notícia* para identificar o que torna ou não um fato midiático, o que para o autor “[...] refletem a intersecção entre o sistema de relevâncias vigente na redação, no grupo profissional e no mundo da vida em que estão inseridos”. Nesse contexto exposto por Correia, entendemos que o sistema de relevância dentro do jornalismo vai além da questão do valor-notícia, mas também está na postura que os profissionais de comunicação têm em relação aos acontecimentos. Sendo assim, “nesse processo, a mídia age [também] no terreno das tipificações, reforçando ou questionando as generalizações construídas através da experiência e que definem a apreciação que fazemos de determinadas partes do mundo da vida” (KIELING, 2010, p. 12), ou seja, a informação da mídia nos possibilita ter acesso a um acontecimento novo, mas sempre que temos contato com uma mídia estamos sujeitos a consultamos nossos “tipos” e categorizações já presenciadas pelo mundo da vida.

As tipificações são a forma que a atitude natural do mundo da vida tem de lidar com a erupção generalizada da novidade. São o modo de estabelecer regularidades num mundo ameaçado pela contingência. São a forma de assegurar que é possível lidar com o mundo como até aí. Obviamente que o ator, no mundo social, parece menosprezar tal contingência, tal novidade, tal estranheza. Age [...] como se o mundo lhe surgisse como uma evidência tida por adquirida. Na realidade, o mundo da vida é paradoxal. Como Schutz adivinha, um mundo pode ser instável, marcado pela aceleração das diferenças, pela erupção de acontecimentos permanentes. Porém, aos olhos dos agentes que o integram, as tipificações permitem lidar com essas mudanças de um modo que lhes parece evidente. Nesse sentido, até acontecimentos como a morte são tipificados de um modo que lhes permite serem

absorvidos pela visão relativamente natural do mundo que faz parte da vida cotidiana (CORREIA, 2005, p. 131).

Ainda no contexto do jornalismo, as tipificações e relevâncias também podem ser percebidas em questões mais práticas, tais como a periodicidade do veículo de comunicação, o espaço que cada notícia ocupada dentro da mídia, a maneira que a informação está exposta aos sistemas de relevância (nesse caso nos referimos como cada notícia é posta para o público, ou seja, com muito ou pouco destaque), o que também interfere a rotina de produção da notícia. Nesse sentido, há uma adequação do veículo a orientações discursivas que permeiam a realidade.

Considerações

Por fim, por meio deste trabalho percebemos a importância do pensamento de Alfred Schutz para a comunicação, seja ela mediada ou não. Sendo assim, os estudos do pensador, assim como de seus seguidores, principalmente acerca da vida cotidiana são bem pertinentes quando passamos a verificá-los pelo olhar comunicacional, já que é no cotidiano que acontecem as experiências e as interações sociais intensificadas pela comunicação, pelo ato de comunicar.

Como se demonstrou nesta proposta de trabalho, pensar também os sistemas de tipificação e relevância pode ser mais uma possibilidade de perceber como os estudos schutzianos são importantes para o nosso campo, seja para pensar a comunicação como processo social ou observar o campo jornalístico.

Sendo assim, pretendemos em trabalhos futuros ter um maior aprofundamento na obra de Schutz conhecendo mais detalhadamente os seus trabalhos. Assim como, desejamos uma aplicação de seus conceitos a objetos empíricos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIA, João Carlos. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Horizonte, 2005.

GARCÍA, Marta Rizo. As contribuições do pragmatismo de William James e da fenomenologia de Alfred Schutz à Comunicação. **Revista MATRIZES**. São Paulo, 2010. Ano 3 – nº 2. p: 221-235.

KIELING, Camila Garcia. A Fenomenologia de Alfred Schutz Aplicada à Comunicação: Uma Ponte entre o Conhecimento e o Mundo da Vida. **Anais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Novo Hamburgo, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0882-1.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2015.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed, 1995.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.